

**DO SER AO PARECER: ENVELHECIMENTO, AUTOIMAGEM E OS IMPACTOS
PSICOLÓGICOS DA INVERSÃO DOS REFERENCIAIS ESTÉTICOS NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

**FROM BEING TO APPEARANCE: AGING, SELF-IMAGE, AND THE PSYCHOLOGICAL
IMPACTS OF THE REVERSAL OF AESTHETIC STANDARDS IN CONTEMPORARY
SOCIETY**

 <https://doi.org/10.63330/revalvoradav1n1-013>

Submetido em: 15/08/2026 e Publicado em: 09/09/2026

RA: e262233

Emerson Sell dos Santos

Graduando em Filosofia

Faculdade Cruzeiro do Sul

E-mail: sell.filosofia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2973750920425636>

Damião Evangelista Rocha

Mestre em Psicologia

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio

E-mail: damiaorocha.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2341745406278452>

RESUMO

O presente estudo consiste em uma pesquisa teórica que analisa a construção histórica, filosófica e psicológica do envelhecimento e da autoimagem no contexto da sociedade contemporânea. A investigação parte de uma leitura genealógica da estética, examinando as transformações nos referenciais de valor social, que transitaram da valorização do ser e da sabedoria para a lógica do ter e, por fim, para o imperativo do parecer. O objetivo central consiste em compreender como o envelhecimento, antes associado à autoridade e ao prestígio, passou a ser vivenciado como um déficit simbólico, resultando em desafios ao etarismo e à saúde mental na era digital. A metodologia baseia-se na revisão bibliográfica de teóricos como Baruch de Spinoza, Guy Debord, Zygmunt Bauman e Karl Marx, articulada às contribuições da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Social. Os resultados indicam que a desvalorização do idoso reflete uma patologia social ampla, fundamentada na inversão dos referenciais geracionais. Por fim, a pesquisa conclui que o envelhecimento saudável requer não apenas intervenções clínicas, mas, sobretudo, o reconhecimento do idoso como guardião do saber e sujeito indispensável à continuidade civilizatória, destacando a necessidade urgente de respostas transformadoras no campo da Psicologia que promovam a autoestima e o pertencimento social desse grupo.

Palavras-chave: Autoimagem; Envelhecimento; Identidade; Modernidade Líquida; Sociedade do Espetáculo.

ABSTRACT

This theoretical review article proposes a historical-philosophical and psychological analysis of aging and self-image in the context of contemporary society. Starting from a genealogical reading of aesthetics — understood here through Baruch de Spinoza as that which pleases and therefore constitutes beauty in each era — the work examines the transformations of social value references throughout history: from the valorization of being, centered on the accumulation of knowledge and wisdom; to the valorization of having, inaugurated by industrial-capitalist logic; to the current condition marked by the imperative of appearing, theorized by Guy Debord (1967) in *The Society of the Spectacle*. Throughout this journey, aging, once associated with epistemic authority and social prestige, comes to be experienced as aesthetic and symbolic deficit, amplifying ageism and imposing unprecedented challenges to the self-image and mental health of individuals who age in the digital era. The work also draws on Zygmunt Bauman (2001), Karl Marx (1848) and contributions from Developmental Psychology and Social Psychology to support the thesis that healthy aging presupposes not only clinical interventions but the recognition of the elderly as guardians of accumulated knowledge and as indispensable subjects for civilizational continuity. It is concluded that the inversion of generational references represents a symptom of a broader social pathology whose effects on the self-image, self-esteem, and social belonging of the elderly demand urgent responses in the field of Psychology.

Keywords: Aging; Identity; Liquid Modernity; Self-image; Society of the Spectacle.

1 INTRODUÇÃO

Envelhecer é um fenômeno universal, biológico e irreversível. Contudo, a forma como cada sociedade percebe, nomeia e trata o envelhecimento não é natural - é uma construção histórica, cultural e, sobretudo, estética no sentido filosófico mais profundo do termo. A estética, aqui, não se limita à dimensão artística; ela diz respeito ao conjunto de valores que orientam o que é percebido como belo, desejável e digno de reconhecimento em cada época.

Partindo desse pressuposto, o presente artigo investiga como as transformações históricas nos referenciais de valor social - do ser ao ter, e do ter ao parecer - reconfiguraram radicalmente a experiência do envelhecimento e, por consequência, a autoimagem dos indivíduos que envelhecem na contemporaneidade. Propõe-se que a inversão dos referenciais geracionais, em que o mais jovem passa a

ser o portador do saber tecnológico e da visibilidade social, gera consequências psicológicas graves na construção da identidade e no sentido de pertencimento.

O estudo tem como objetivo geral analisar criticamente as repercussões da sociedade contemporânea sobre o envelhecimento e a autoimagem, articulando conceitos da filosofia, da sociologia e da psicologia. Como objetivos específicos, busca-se: mapear a evolução histórica dos referenciais de valor social (ser, ter e parecer); identificar o impacto do etarismo e da digitalização na saúde mental dos idosos; e examinar as possibilidades de intervenção clínica e social a partir do referencial da Psicologia.

A justificativa desta pesquisa reside na urgência de compreender o sofrimento psíquico do idoso não apenas sob o viés patologizante ou estritamente biológico, mas como sintoma de uma patologia social mais ampla. A dissolução do lugar simbólico do idoso na trama contemporânea exige que os profissionais da Psicologia disponham de arcabouços teóricos lúcidos para promover práticas mais humanizadas e atentas aos determinantes culturais do envelhecimento.

Para sustentar esta tese, realizou-se uma breve revisão teórica integrando a filosofia de Baruch de Spinoza, a crítica marxista, o diagnóstico situacionista de Guy Debord e a sociologia de Zygmunt Bauman. Adicionalmente, mobilizam-se as contribuições da Psicologia - especialmente a teoria do self de Carl Rogers, a psicologia do desenvolvimento e os estudos sobre etarismo, fundamentando a compreensão de que o envelhecimento saudável requer o resgate do idoso como sujeito indispensável à continuidade civilizatória.

2 METODOLOGIA

O presente estudo constitui-se como uma pesquisa de natureza teórica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de caráter histórico-filosófico e psicológico. O percurso metodológico estruturou-se de forma a articular conceitos da filosofia clássica e contemporânea com as contribuições da psicologia social, do desenvolvimento e da psicanálise, buscando compreender as bases culturais e subjetivas do envelhecimento na atualidade.

2.1 A GENEALOGIA DA ESTÉTICA: O QUE AGRADA EM CADA ÉPOCA

O filósofo holandês Baruch de Spinoza, em sua obra *Ética* (1677), oferece uma chave de leitura fundamental para compreender as transformações históricas dos padrões de valor social. Para Spinoza, o belo não é uma propriedade objetiva das coisas, mas uma relação entre o objeto e o sujeito que o percebe: a beleza existe na medida em que algo afeta positivamente o corpo e o espírito, aumentando a potência de agir do indivíduo. Dito de outro modo, belo é aquilo que agrada; e o que agrada varia conforme o contexto histórico, as necessidades coletivas e os arranjos de poder de cada época. Essa perspectiva relacional da estética tem implicações profundas para o tema do envelhecimento. Se a beleza é sempre uma construção

contextual, então o valor atribuído ao idoso, sua visibilidade, seu prestígio, sua inclusão ou exclusão, não reflete uma essência permanente da velhice, mas sim o sistema de valores vigente em determinado momento histórico. A questão central que este artigo propõe é: o que, em cada época, “agradou” à sociedade no idoso? E por que, na contemporaneidade, esse agrado parece ter se dissolvido?

2.2 A ERA DO SER: CONHECIMENTO, SABEDORIA, E AUTORIDADE EPISTÊMICA

Em sociedades pré-industriais, o que “agradava” e portanto era considerado belo e valioso estava intimamente relacionado à capacidade de acumular e transmitir conhecimento. Nesse contexto, o envelhecimento não era apenas tolerado; era reverenciado. O idoso representava a síntese de experiências vividas, de saberes transmitidos oralmente de geração em geração, de estratégias de sobrevivência testadas pelo tempo. O filósofo grego Platão, na República, já identificava na figura do ancião um repositório de virtude e prudência. A sabedoria - sophia - era considerada um bem que se adquiria com o tempo e a reflexão, inacessível à juventude por definição. Nesse registro, envelhecer equivalia a aproximar-se da plenitude humana, não ao declínio. Esse paradigma perdurou, com variações, por séculos. O conhecimento era raro, sua transmissão dependia de mediadores humanos, os mais velhos, os mestres, os escribas, e o tempo de vida era necessário para a maturação do entendimento. A referência geracional fluía invariavelmente dos mais velhos para os mais jovens. O velho era, portanto, o guardião do saber e o detentor de uma autoridade que o próprio tempo conferia. Do ponto de vista psicológico, Erik Erikson (1998), ao descrever os estágios do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida, situava a última fase a velhice sob o conflito entre integridade versus desespero. Na integridade, o indivíduo que envelhece seria capaz de olhar para a própria trajetória com sentido e aceitação, reconhecendo a coerência de sua existência. Esse equilíbrio era possível, em grande medida, porque a sociedade fornecia ao idoso um espelho identitário positivo: ser velho era ser sábio, ser referência, ser necessário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A PASSAGEM DO SER AO TER

3.1.1 A Lógica do Acúmulo como Novo Ideal Estético

A Revolução Industrial, iniciada na segunda metade do século XVIII na Inglaterra, representou uma ruptura não apenas econômica e tecnológica, mas estética no sentido spinoziano: o que passou a “agradar” à sociedade sofreu uma transformação estrutural. Com a produção em larga escala, a acumulação material tornou-se o novo signo de distinção social. A riqueza deixou de ser um mero meio e passou a ser um fim em si mesma, um atributo que conferia identidade, status e reconhecimento. Karl Marx, em O Manifesto Comunista (1848), identificou nesse processo uma alienação fundamental: o ser humano, progressivamente submetido à lógica do capital, passa a ser avaliado não pelo que é ou pelo que sabe, mas pelo que possui.

A mercadoria assume o lugar do sujeito, e as relações humanas são mediadas crescentemente pela lógica do valor de troca. No campo da estética social, o belo passa a ser o próspero; o desejável, o acumulador. Nesse contexto, o envelhecimento ainda preservava certa dignidade social, pois o idoso rico era o idoso respeitável. A autoridade do ancião deslocou-se da esfera epistêmica para a esfera econômica: o patriarca ou a matriarca que detinham o patrimônio familiar continuavam a ser figuras de referência, ainda que por razões distintas das que vigoravam anteriormente. O que se perdia era a ideia de que o envelhecimento, por si mesmo, conferia valor; o que se ganhava era a lógica de que o valor individual era uma função do acúmulo, independentemente da idade. Outro aspecto relevante desse período é que Marx, no mesmo texto, já antecipava aquilo que chamava de repetição histórica: “a história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”. Essa formulação aponta para uma estrutura cíclica na qual os mecanismos de manutenção do privilégio se renovam em novos códigos, mas preservam sua função essencial garantir a distinção de uma elite e a exclusão dos demais. Essa pedra filosofal social, como podemos denominar metaforicamente, atravessa todas as configurações históricas e se reatualiza em cada novo paradigma estético.

3.1.2 O Envelhecimento no Paradigma do Ter

No período marcado pela lógica do ter, a velhice começou a adquirir uma ambiguidade nova. O idoso rico mantinha prestígio; o idoso pobre tornava-se, progressivamente, um peso. A industrialização, ao deslocar o trabalho para as cidades e reorganizar os vínculos familiares, fragilizou as redes de cuidado que sustentavam os mais velhos em comunidades rurais. O corpo envelhecido, incapaz de produzir no ritmo das fábricas, foi gradualmente associado ao conceito de improdutividade e a improdutividade, em uma sociedade orientada pela acumulação, é uma forma de invisibilidade. A Psicologia Social registra os efeitos devastadores dessa transformação sobre a autoestima e a autoimagem dos idosos. O conceito de autoestima, desenvolvido por Rosenberg (1965), aponta que a avaliação positiva de si mesmo depende, em larga medida, do reconhecimento social. Quando a sociedade retira do idoso seu lugar de valor, a autoimagem entra em colapso, e os processos de depressão, isolamento e perda de sentido se tornam clinicamente prevalentes.

3.2 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: A PASSAGEM DO TER AO PARECER

3.2.1 Guy Debord e a Inversão Total da Vida

Em 1967, o filósofo e cineasta francês Guy Debord publicou *A Sociedade do Espetáculo*, obra que se tornaria um dos diagnósticos culturais mais precisos e duradouros do século XX. Debord argumentava que, em determinado estágio do capitalismo, a lógica da acumulação avança para além da posse material: a vida inteira se transforma em representação. “Tudo o que era diretamente vivido”, escreveu Debord, “se

afastou numa representação.” O conceito de espetáculo em Debord não designa simplesmente o entretenimento ou a mídia; ele descreve uma condição social total na qual as relações entre pessoas são mediadas por imagens. O espetáculo é a “afirmação onipresente da escolha já feita na produção”, ou seja, é a forma que o capitalismo assume quando não se contenta em produzir mercadorias, ele passa a produzir identidades, desejos e aparências. A beleza já não é o saber acumulado, nem o patrimônio possuído: a beleza é a imagem projetada, a aparência gerenciada, o espetáculo do eu. Esse deslocamento do ser ao ter, e do ter ao parecer representa, na perspectiva deste artigo, a consumação de uma lógica que encontrava seus fundamentos na própria estrutura do capitalismo industrial. Debord, lido à luz de Spinoza, permite afirmar: o que “agrada” na sociedade contemporânea não é mais o conhecimento nem a riqueza, mas a visibilidade. O belo é o visível; o visível é o digital; o digital é o jovem.

3.2.2 Bauman e a Liquidez da Identidade

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), em *Modernidade Líquida*, oferece um complemento indispensável à análise de Debord. Para Bauman, a contemporaneidade é marcada por uma fluidez que dissolve as estruturas identitárias sólidas do passado. Na modernidade líquida, a identidade deixa de ser uma conquista durável forjada ao longo de uma trajetória de vida coerente e passa a ser uma construção permanente, instável, orientada pelo consumo e pela aparência. Nesse contexto, Bauman identifica um paradoxo cruel: ao mesmo tempo em que o indivíduo é convocado a construir sua própria identidade, ele se vê privado das âncoras tradicionais que tornavam essa construção possível as instituições, os vínculos comunitários duradouros, a transmissão intergeracional de valores. O resultado é uma ansiedade endêmica, uma insatisfação crônica com a própria imagem, e uma vulnerabilidade crescente ao julgamento alheio. Para o idoso, os efeitos da modernidade líquida são particularmente brutais. Em uma sociedade que descarta o antigo em favor do novo, que valoriza a adaptabilidade acima da experiência, o envelhecimento torna-se sinônimo de obsolescência. O corpo que envelhece é percebido como uma versão desatualizada de si mesmo — e, em uma lógica de mercado aplicada à identidade, versões desatualizadas devem ser descartadas ou renovadas.

3.2.3 A Era dos Influenciadores: A Inversão dos Referenciais Geracionais

Um dos fenômenos mais significativos e mais subestimados em suas consequências psicológicas — da sociedade contemporânea é a inversão dos referenciais geracionais. Durante milênios, a transmissão do conhecimento fluía dos mais velhos para os mais jovens. O idoso era a referência porque era o depositário do saber acumulado. Com o advento das plataformas digitais e das redes sociais, esse fluxo foi invertido de forma abrupta e, pode-se argumentar, violentamente. O saber que agora confere poder e visibilidade não é o saber histórico, filosófico ou artesanal: é o saber tecnológico, o domínio dos algoritmos, a destreza em

configurar avatares digitais e produzir conteúdo que “viraliza”. Esse saber é, por definição, um saber jovem — não porque os jovens sejam mais inteligentes, mas porque foram os primeiros a ser imersos nessa linguagem desde a infância. O resultado é uma inversão sem precedentes históricos: o filho, o neto, ou mesmo o bisneto, tornam-se referência. São eles que detêm o capital simbólico da era digital. E o idoso que por décadas foi o transmissor de conhecimento passa a ocupar o lugar do aprendiz, do desatualizado, do excluído. A inversão do fluxo geracional do conhecimento não é um fenômeno neutro: ela reconfigura as relações de poder, de prestígio e de autoestima dentro das próprias famílias e comunidades.

3.3 ETARISMO, AUTOIMAGEM E SAÚDE MENTAL

3.3.1 O Etarismo como Fenômeno Multicamadas

O etarismo ou ageísmo, do inglês *ageism*, termo cunhado pelo gerontologista Robert Butler em 1969 - refere-se ao conjunto de estereótipos, preconceitos e discriminações dirigidos às pessoas com base em sua idade, especialmente aos mais velhos. Embora o etarismo já existisse antes da era digital, a lógica do espetáculo o intensificou e o sofisticou de maneiras novas. Na sociedade do espetáculo, o etarismo adquire camadas inéditas. Ele não se manifesta apenas como discriminação no mercado de trabalho ou nos serviços de saúde formas já bem documentadas pela literatura, mas penetra na esfera mais íntima da identidade: a autoimagem. O idoso que internalizou os valores estéticos dominantes passa a olhar para o próprio corpo envelhecido com os olhos da sociedade espetacular, vendo nele não uma prova de vida vivida, mas uma falha estética a ser corrigida. Mais perturbadora ainda é a dinâmica que se estabelece dentro da própria comunidade idosa. A lógica do espetáculo cria hierarquias internas entre os idosos: aqueles que conseguem “parecer jovens” por meio de procedimentos estéticos, roupas, comportamentos ou habilidades digitais adquirem um status que os distingue daqueles que “parecem velhos”. O etarismo, assim, passa a ser praticado pelos próprios idosos uns contra os outros, em um processo de introjeção do preconceito que a Psicologia Social denomina preconceito intergrupar.

3.3.2 A Autoimagem na Perspectiva Psicológica

A autoimagem pode ser compreendida como a representação mental que o indivíduo constrói de si mesmo, integrando dimensões físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Carl Rogers (1951), ao formular sua teoria do *self*, distinguiu entre o *self* real, a percepção que o indivíduo tem de si como é e o *self* ideal, a percepção de como gostaria de ser. A congruência entre esses dois pólos é, para Rogers, condição fundamental de saúde psicológica. Na sociedade do espetáculo, o *self* ideal é colonizado por imagens digitalmente filtradas e socialmente validadas que, por definição, excluem o corpo envelhecido. O fosso entre *self* real e *self* ideal, que Rogers identificava como fonte de sofrimento, é, para o idoso contemporâneo, estruturalmente ampliado pela lógica cultural vigente. Quanto mais intensa a exposição a padrões estéticos

digitais que celebram a juventude, maior a distância entre o que o idoso é e o que a cultura diz que deveria ser. Festinger (1954), em sua teoria da comparação social, já demonstrava que os indivíduos avaliam a si mesmos em contraste com aqueles ao seu redor. Quando os parâmetros de comparação disponíveis são influenciadores jovens com corpos esteticamente padronizados, a comparação social tende a produzir sentimentos de inadequação, vergonha corporal e baixa autoestima. Oliveira e Machado (2021) documentaram, em pesquisa publicada na *Ciência & Saúde Coletiva*, como esse processo de “(re)apresentações na sociedade do espetáculo” afeta a saúde mental de diferentes grupos populacionais.

3.3.3 Procedimentos Estéticos, Pertencimento e o Paradoxo do Parecer

Um dos sintomas mais visíveis da pressão estética sobre os idosos na era contemporânea é a explosão da demanda por procedimentos estéticos anti-envelhecimento. Longe de condenar esses procedimentos *per se* que podem, quando realizados com autonomia e consciência, contribuir positivamente para o bem-estar, é necessário interrogar a motivação subjacente que os torna, em muitos casos, uma compulsão. Quando o procedimento estético é orientado pelo desejo de pertencer, de não ser excluído da visualidade dominante, de evitar o estigma etarista, ele deixa de ser um ato de cuidado e se torna um ato de submissão à lógica espetacular. A psicanálise lacaniana permitiria afirmar que, nesses casos, o idoso não está cuidando de si está tentando apagar a evidência de si. O envelhecimento, que é a prova mais radical e irrefutável de uma vida vivida, torna-se algo a ser escondido. Há, nessa dinâmica, uma profunda contradição: o estado de envelhecimento é, em si mesmo, a maior expressão estética possível no sentido spinoziano pois representa a totalidade do que um ser humano acumulou, aprendeu, viveu e transformou. O corpo envelhecido é um arquivo vivo, um palimpsesto de experiências. Submetê-lo ao imperativo do parecer jovem é, em última análise, uma forma de apagamento cultural e subjetivo.

3.4 O ENVELHECIMENTO COMO CONDIÇÃO CIVILIZATÓRIA

3.4.1 A Longevidade como Necessidade Epistêmica

Há uma dimensão frequentemente negligenciada nos debates sobre envelhecimento: sua função civilizatória. Uma sociedade sem longevidade sem a presença ativa dos mais velhos é uma sociedade condenada a reinventar continuamente o que já sabe, incapaz de progredir porque incapaz de acumular. O processo de desenvolvimento humano, tal como descrito por Piaget (1952) em sua teoria cognitiva, não se completa na infância ou na adolescência. A compreensão profunda, aquela que integra experiência vivida, reflexão e síntese — é uma conquista que demanda tempo e maturação. O jovem tem acesso às informações; o maduro tem acesso ao sentido. O primeiro pode processar dados; o segundo pode compreender contextos. Nesse sentido, a marginalização social dos idosos não é apenas uma injustiça individual: é um empobrecimento coletivo. Ao silenciar as vozes mais experientes, a sociedade contemporânea priva as

gerações mais jovens de uma memória que não pode ser recuperada por algoritmos, por buscas na internet ou por inteligência artificial. A sabedoria — diferente da informação não é indexável.

3.4.2 A Inversão dos Referenciais e seus Efeitos Geracionais

A inversão dos referenciais geracionais, como argumentado anteriormente, tem efeitos que se estendem para além dos idosos. As gerações mais jovens, ao se tornarem referência por meio do domínio tecnológico, são privadas da experiência de aprender com aqueles que já erraram, já sofreram, já reconstruíram. O culto ao novo e ao veloz, que caracteriza a modernidade líquida de Bauman, produz gerações tecnicamente habilidosas, mas existencialmente frágeis ágeis no manuseio de ferramentas digitais, mas desorientadas diante das grandes questões da existência. Erikson (1998) descreveu a generatividade como uma das tarefas fundamentais da meia-idade e da velhice: o cuidado com as gerações futuras, a transmissão de legados, o investimento no que virá depois de si. Quando a cultura espetacular impede essa transmissão ao desqualificar o idoso como referência, ela bloqueia um ciclo psicológico fundamental, gerando tanto sofrimento no idoso (que perde seu lugar de sentido) quanto nas gerações mais jovens (que ficam sem âncoras simbólicas).

3.5 IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA: RUMO A UMA CLÍNICA DO ENVELHECIMENTO CRÍTICO

3.5.1 Limites dos Modelos Tradicionais

Os modelos tradicionais de intervenção psicológica no envelhecimento tendem a centrar-se nos déficits declínio cognitivo, perdas funcionais, luto por capacidades físicas ou, em contrapartida, em um otimismo celebratório que nega a realidade das perdas. Ambas as abordagens pecam por ignorar o contexto histórico-social que condiciona profundamente a experiência subjetiva de envelhecer. Uma Psicologia que se limite a tratar os sintomas sem interrogar as estruturas que os produzem corre o risco de se tornar, ela mesma, um instrumento de adaptação do indivíduo a condições socialmente patológicas. Quando um idoso chega ao consultório com sentimentos de inutilidade, vergonha corporal ou depressão associada ao envelhecimento, a pergunta clínica não pode ser apenas “o que há de disfuncional neste indivíduo?”. Deve ser também: “o que há de disfuncional na cultura que produz este sofrimento?”.

3.5.2 Por uma Clínica Sócio-Histórica do Envelhecimento

A perspectiva aqui proposta, alinhada com as contribuições da Psicologia Sócio-histórica (Vygotsky, 1930/1984) e da Psicologia Crítica, defende que o trabalho com idosos deve integrar uma dimensão hermenêutica: ajudar o sujeito a compreender de que história ele faz parte, quais são os dispositivos culturais que moldam sua autoimagem, e como é possível ressignificar o envelhecimento a partir de valores

que não sejam os da sociedade do espetáculo. Isso implica, concretamente, trabalhar com o idoso sua narrativa de vida não como exercício nostálgico, mas como reafirmação de um itinerário de sentido. Implica também desafiar os imperativos estéticos internalizados, não para negá-los, mas para devolver ao sujeito a capacidade de escolher com base em seus próprios valores, e não nos valores da cultura dominante. Rogers (1951) chamaria isso de congruência; Bauman chamaria de resistência à liquidez; Debord chamaria de saída do espetáculo.

3.5.3 Reposicionamento Social do Idoso

Além da intervenção clínica individual, a Psicologia tem um papel ativo a desempenhar no debate público sobre o lugar do idoso na sociedade. Combater o etarismo em suas formas explícitas e em suas formas sutis, incluindo a própria dinâmica intergrupal que emerge da lógica espetacular é uma responsabilidade ética da profissão. O reposicionamento simbólico do idoso como guardião do conhecimento acumulado, como sujeito dotado de uma forma de saber irredutível à velocidade digital, é uma tarefa simultaneamente política, cultural e terapêutica. Não se trata de romantizar a velhice ou de negar suas dificuldades reais; trata-se de recusar a lógica que faz do envelhecimento um problema estético a ser gerenciado, e de afirmar, em seu lugar, a velhice como uma condição humana plena, digna e necessária.

4 CONCLUSÃO

Este artigo percorreu um itinerário que vai da filosofia de Spinoza à clínica psicológica contemporânea, passando pela crítica marxista, pelo diagnóstico situacionista de Debord e pela sociologia de Bauman. O fio condutor foi a tese de que o sofrimento associado ao envelhecimento na contemporaneidade não é um destino biológico inevitável, mas uma produção histórica o resultado de transformações nos referenciais de valor social que tornaram o corpo envelhecido um problema onde antes havia um patrimônio. A passagem do ser ao ter, e do ter ao parecer, não é apenas uma narrativa cultural abstrata: ela tem efeitos psicológicos mensuráveis sobre a autoimagem, a autoestima, o sentido de pertencimento e a saúde mental dos idosos. O etarismo agora potencializado pela lógica das redes sociais e pelos imperativos do *self* digital penetra nas camadas mais íntimas da subjetividade, transformando o processo natural de envelhecimento em uma experiência de vergonha e exclusão. A inversão dos referenciais geracionais pela qual os mais jovens se tornaram os detentores do saber socialmente valorizado representa um dos fenômenos mais inéditos e mais perturbadores dessa transformação. Pela primeira vez na história humana, a acumulação de experiência não confere, por si mesma, autoridade simbólica. Isso não é apenas uma mudança nos padrões culturais; é uma ruptura na estrutura epistêmica que tornava possível a continuidade civilizatória. Diante desse quadro, a Psicologia é convocada a um duplo movimento: intervir clinicamente sobre o sofrimento individual produzido por essa cultura, e posicionar-se criticamente diante

das estruturas que o produzem. Não basta adaptar o idoso a uma cultura etarista; é preciso contestar essa cultura e oferecer recursos simbólicos para que o sujeito que envelhece possa fazê-lo com dignidade, sentido e pertencimento. Por fim, é preciso afirmar contra a lógica do espetáculo que o estado de envelhecimento é, em si mesmo, uma forma radical de beleza: não a beleza que agrada aos olhos entorpecidos pelas redes sociais, mas a beleza que Spinoza intuía, aquela que emana da potência de uma existência vivida integralmente. Os guardiões do conhecimento não são obsoletos; são indispensáveis. E uma sociedade que os esquece não avança ela regride.

REFERÊNCIAS

Araújo, R. R.; Rocha, D. E.; Loiola, E. M.; Vieira, G. H.; Moraes, P. B. de. Envelhecimento e etarismo: a construção da identidade e dos papéis geracionais na contemporaneidade. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 12, n. 3, p. 1-10, 2026.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Bauman, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Debord, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Paris: Buchet-Chastel, 1967. Tradução brasileira: Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Erikson, Erik H. **O Ciclo de Vida Completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Festinger, Leon. **A theory of social comparison processes**. Human Relations, v. 7, n. 2, p. 117-140, 1954.

Marx, Karl; Engels, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Londres: Trabalhadores do Mundo, 1848. Tradução brasileira: São Paulo: Boitempo, 2010.

Oliveira, M. R. D.; Machado, J. S. A. **O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2663-2672, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021>

Rogers, Carl R. **Client-Centered Therapy: Its current practice, implications and theory**. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

Spinoza, Baruch de. **Ética**. [1677]. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Vygotsky, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. [1930]. São Paulo: Martins Fontes, 1984.